



Director literario:

Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SÉCULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

NÚMERO DE CARNAVAL

Sizudo e Maluquinho

(DA TRADIÇÃO POPULAR)

Arranjo de

Augusto de Santa-Rita

Ilustrações de

Eduardo Malta

VIVIAM numa aldeia muito longe, dois irmãosinhos muito amigos com seu pai e uma madraستا que os tratava muito mal. Quasi poderia dizer-se que viviam sosinhos com a madraستا, pois que o pai todas as manhãs saía para o trabalho e só voltava de noite.

Os pobres rapazinhos passavam tratos de polé, pois à mais pequena maldade e às vezes mesmo sem razão alguma, a má madraستا sovava-os tanto que, ao dia seguinte, nem forças tinham para se levantar. O mais novinho apanhou um dia tanta pancada com uma correia na cabeça que esteve muito doente, dois mezes de cama, e desde

então começaram a mostrar-se desatinado, motivo porque, em casa e na rua, toda a gente o tratava por Maluquinho.

O outro, embora ajuizado, andava sempre triste, motivo porque, na rua e em casa, toda a gente o tratava por Sizudo.

Certa manhã, muito cedo, a madraستا tendo de ir comprar fruta a uma quinta que havia a meia légua da casinha onde moravam, tirou de um armário uma porção de farinha muito boa, azeite, sal e açúcar e disse aos dois irmãosinhos: — «Vou lá abaixo à vila e volto daqui a nada. Deixo esta farinha de fóra, para o meu almóço quando voltar. Varram a casa, arrumem tudo e assim que me virem ao longe, de volta, ponham a farinha ao lume e façam-me as papas para que eu as possa comer assim que chegue. E livrem-se vocês que eu dê por falta de alguma!» Dito isto, foi buscar um cestinho, pôz o chale nos ombros, e saíu porta fóra...

Os dois irmãosinhos ficaram muito contentes ao vê-la pelas costas. O Sizudo poz-se logo a varrer o chão e a limpar o pó, muito depressa, com medo que a madraستا se não demorasse e lhe não desse tempo de pôr tudo em ordem. O Maluquinho sentou-se ao pé da farinha e não fazia senão olhar para ela.

Até que por fim, disse ao Sizudo: — «Olha lá, porque não havemos nós de comer estas papas?!» O Sizudo ficou tão espantado com aquela lembrança que até a vas-



soura lhe caiu das mãos. — «Devem ser tão boas, tornou o Maluquinho, não te apetece?»

— «Lá apetece, apetece, respondeu o Sizudo, mas quando ela voltasse dava cabo de nós!» — «Deixa lá, insistiu o Maluquinho, nós é que vamos dar cabo dela. Comeremos as papas de milho e quando ela voltar dar-lhe-hemos papas de cinza. Papas de cinza com açúcar por cima. O Sizudo ainda começou a dizer que não, mas o Maluquinho deitou logo as papas no tachinho de barro, vazou-lhe dois pucarinhos de água do pote, uma pitada de sal e um fiosinho de azeite. Feitas as papas, deu ao irmãozinho metade e, quando acabaram de as comer, até lamberam o tachinho todo, a colher e os dedos.

Vai senão quando, olharam para fora e viram ao longe aproximar-se a madrastra. Puxou então o maluquinho a pá do fogão, encheu-a de cinza, deitou-a no tacho, botou-lhe outros dois pucarinhos de água, um fiosinho de azeite, uma pitada de sal e feita a papa cobriu-a toda de açúcar, vazando-a num grande prato.

A madrastra, que tinha andado muito tempo e vinha cheia de fome, comeu a papa toda e, devido ao muito açúcar que tinha, nem sequer deu pelo mau gosto da cinza. Um momento depois foi sentar-se no quarto sobre uma arca e poz-se a ler um jornal. De repente começou a sentir grandes dores no estômago e desatou a gritar que estava envenenada. Quis levantar-se, sentindo que não podia andar, deixou-se cair sobre a cama e poz-se a gemer, chamando o Sizudo e o Maluquinho que, em vez de lhe acudir, trancaram a porta para que lá fora ninguém a ouvisse e, colando o ouvido à parede do quarto ao lado, ficaram à escuta, à escuta... até que, já não a ouvindo gemer mais, foram espreitá-la e deram com ela morta. Então, Sizudo, com medo que um polícia os viesse prender, começou a chorar e disse para o Maluquinho: — «E agora?!...»

— «Agora, respondeu o Maluquinho, toca a safar!» Puxando o Sizudinho por um braço abriu a porta e a ala que ala... desatou a fugir levando o Sizudinho consigo.

Andaram, andaram... e já um pouco longe de casa, o Maluquinho, reparando numa cancela que servia de vedação a uma sementeira, disse para o irmão: — «E se nós roubássemos esta cancela?» Mas o Sizudinho que, na forma do seu costume, principiava por dizer que não e aca-



bava por consentir em tudo, deixou que o irmão roubasse a cancela e ora um a levava debaixo do braço, ora a levava o outro. Andando... andando sempre, mais adiante encontraram um arado no meio de um campo por lavar. Como não visse mais ninguém, então o Maluquinho tornou para o Sizudo: — «E se nós roubássemos este arado?! O Sizudo principiou a dizer que não, mas, na forma do costume, acabou por consentir e lá levaram o arado

com eles. Continuaram a andar, a andar... até que já muito longe, mortinhos de cansaço e de fome, deitaram-se debaixo de uma grande azinheira e estavam quase a adormecer, quando viram a grande distância uns homens armados com pistolas e facas muito compridas, fochas vermelhas, chapéus de aba larga, barbas até à cinta e lanternas na mão.

A principio o Maluquinho cuidou que eram da polícia



e que o viriam prender por ter morto a madrastra, mas logo depois compreendeu que eram ladrões, um bando de saltadores, e cheio de medo disse ao Sizudo que o ajudasse a trepar para a copa da árvore: que depois o puxaria também para cima e, auxiliados pela cancela que lhes serviu de escada, lá treparam para a copa da árvore e, escondendo-se entre a folhagem, puxaram para cima a cancela e o arado,

Os ladrões, que não tinham reparado nos dois irmãos devido à escuridão, dirigiram-se para o abrigo da árvore, onde, acendendo uma pequena fogueira, costumavam ceiar. Traziam consigo vários mantimentos roubados pelo caminho: — vinho, arroz, hortaliças, pão com fartura e queijinhos de cabra.

Puzeram uma panela ao lume, deitaram-lhe água e hortaliça e quando iam para deitar o arroz e as batatas repararam que lhes faltava o azeite.

O Maluquinho e o Sizudinho, encarrapitados no cimo da árvore, cheios de fome, olhavam com inveja a fartura dos ladrões. Então, o chefe da quadrilha, vendo que lhe faltava o azeite, ajoelhou-se, poz as mãos e disse como quem reza: — «Senhor deus dos ladrões, fazei com que caia do céu o azeite de que nós precisamos! Então o Maluquinho, lá do seu esconderijo, poz-se a fazer chichi, para dentro da panela. Os ladrões, muito contentes, cuidando que era o azeite a cair do céu, disseram ao chefe da quadrilha, que já agora pedisse também algum chourico e então o chefe tornou a ajoelhar, pedindo ao Senhor deus dos ladrões que lhe fizesse cair algum chourico do céu. Nisto, o Maluquinho do seu esconderijo fez «côcô» lá de cima e os ladrões, julgando que era chourico, até davam pulos, de contentes que estavam. Então o chefe da quadrilha disse para os companheiros: — «Agora já cá tenho tudo o que preciso para a ceia. Nem que o deus dos ladrões me deite cá abaixo um pedaço de céu velho, nada me rala. Palavras não eram ditas, o Maluquinho atira com a cancela e os ladrões, apanhando com ela pela cabeça, começaram a praguejar: — «Diabos levem o Senhor deus dos ladrões! Então o Maluquinho atirou com o arado que caído em cima do chefe da quadrilha logo o matou, cortando-lhe o pescoço e ferindo alguns dos ladrões que juntamente com os outros, desataram a fugir com quantas pernas tinham. Então o Maluquinho e o Sizudinho baixaram da copa da árvore e, soçoadamente comeram tudo quanto encontraram, menos e tal chourico e o tal azeite que eram falsificados.

PÁPIM MASCARADO



*Páxim mascarrou-se,
Ficou mascarrado;
E assim mascarou-se,
Ficou mascarado.*

*Olhando-se ao espelho
Achou-se
Mudado,
Com cara de velho,
Ficou feiozão!*

*E poz-se
A gritar,
Vendo em seu lugar,
No espelho, o Papão,
Aos berros, assim:
— Papá,
O Papão
Papou
O Páxim!*



*E o pranto
Foi tanto,
Que entanto
Lavou-se,
Desmascarrou-se;
É ao ver-se assim
Desmascarado,
Gritava então:
— Papá,
O Páxim
Papou
O Papão!*

(Inédito)

Ambrozina e



Ambrosina e Zé Lourenço,
Resoloveram mascarar-se,
Ela de cãpote e lenço
E êle com qualquer disfarço.



Voltou do avêssô a farpela,
Pôs-se de meia e calção,
Atrando aos ombros dela
O seu enorme gabão.



E naquela trapalhice,
Resoloveram visitar
A amiga D. Clarisse,
Com o fim de a intrigar.



E, ante o grande reboliço
Metem os dois, muito alvares,
Pela escada de serviço
De um prédio de cinco andares.



E agora os tristes heróis,
No lance do quinto andar,
Reparam em dois lençóis
Que estavam a enxugar.



Os inquilinos do prédio,
Ouvindo da velha os gritos,
Não têm outro remédio,
Senão fugirem, aflitos!



Mas o cabo Zé Raimundo,
De guarda à rua, sem crer
Em almas do outro-mundo,
Resolve as almas prender.

Zé Lourenço



D. Clarisse Bombarda
Cheia de febre e sezões,
Ao vê-los, grita:--ó da guarda!..
Cuidando que eram ladrões.



Perante o berreiro imenso
Sem tempo de reflectir,
Ambrozina e Zé Lourenço
Desataram a fugir!



Perseguidos por gaitos,
Homens, mulheres, povinho,
Duas cadelas, dois gatos,
Uma gata, um cachorrinho;



E já com novo disfarce,
Tremendo de susto, os dois
Resolveram embruthar-se
Nos referidos lençóis.



Mas nisto eis que surge, ao fundo,
Uma vèlhota a gritar:
— «Ha almas do outro mundo
Por cima do 4.º andar!...»



Lépidio sobe as escadas,
Chega lá cima, e sem qô
Das pobres almas penadas,
Leva-as para o xelindrô.



E agora após isto tudo,
Bradam ambos a chorar:
— Leve o diabo o entrudo,
Não me torno a mascarar.

CORRESPONDENCIA



Meus amiguinhos

Então seus marotos estão a mandar para o concurso coisas copiadas de outros jornais? Assim não vale...

Já cá ouvi falar de que os que estiverem assim não são classificados.

Claro está que não são obrigados a mandar «obras-primas», contudo há meninos que nos tem enviado desenhos, poesias e contos feitos só por eles, que se não estão uma perfeição, estão pelo menos muito bem feitos!

Podem mandar, uma, duas, três, quatro coisas, enfim as que quiserem.

Como já disse, é preferível que os desenhos venham a tinta preta (da China) e em papel sem linhas.

Do grande amigo

TOTÓONIO

Rua do Século, 43 — LISBOA

Hirminio Flora Bento. — Bravo seu «Erminio!» Assim é que eu gosto dos meus amigos. A Sr.^a Redacção e Oitozinas agradecem...

João da Silva. — Estás um engenheiro ha altura! Muito em segredo te digo que uma das engenheiras é um automovel que ande sózinho, feito por vocês!!! Que tal?

Regina Martins Esteves de Alcoforado Pinto Calhau — Minha querida sobrinha, tens um nome maior que tu, que deves ser muito pequenina... Podes concorrer ao que quiseres. É preferível que o desenho seja a tinta da China, para depois se reproduzir mais facilmente. Percebes?

José Dias Costa Junior — Para algumas coisas, por enquanto ainda é cedo. Mais tarde, talvez. Cá te esperamos.

Gastão Furtado Pereira dos Reis — Já te conheço... Atendido.

José Adelfino Leitão — Atendido.

Antonio Gámeiro — Respondemos ás suas perguntas. Apreciamos mais um assunto infantil e não muito grande.

Para se poder reproduzir é melhor a tinta da China.

Estamos tratando de arranjar uma secçãozinha de colaboração infantil.

Baldomero Herrera Tacora — Recebemos colaboração e retrato. Veremos... por enquanto é quasi impossível.

Carlos Pedro da Silva — Publicará mais d'aqui a uns tempos **Dicendo dos Santos** — Pode V. Ex.^a mandar os desenhos a que se refere, que serão devolvidos, pedindo-nos, logo que termine o Concurso.

Arlindo da Silva Coelho — Vão para o Concurso. Diga-nos a que serie pertencia.

Jorge Claro — Os versos são muito bons. Vão ser illustrados brevemente.

Lili Ferreira — Mas que ideia Lilielina!... Então eu podia lá zangar-me contigo?

A carta chegou um pouco tarde, por esse motivo não poudo vir no numero passado... Enquanto ás perguntas respondo o seguinte:

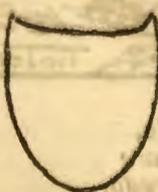
Tambem gosto imenso de palavras cruzadas, mas como a maioria dos leitores não as percebem porque são muito pequeninos, não é justo estar a roubar-lhes o espaço. Não achas?

Nala e Damayanti

Por absoluta falta de espaço não inserimos no nosso numero anterior e ainda não publicamos neste, o lindo conto indiano com o titulo acima.

No proximo numero daremos a continuação, com que terminará o conto da celebre epopeia Mahabharata, tão admiravelmente adaptado pelo nosso estimado colaborador o illustre poeta **Dr. Maria Alves Pereira**.

UMA
LIÇÃO
DE



DE-
SE-
NHO

Podes mandar o conto e o retratinho para se publicar. Estás satisfeita? Um quarterão de abraços...

José Agostinho Vieira — O Ex.^{mo} Sr. Santa Rita encarregou-me de lhe responder:

Os assuntos que nos quer mandar, são mal empregados para o **Pim-Pam-Pum**...

Em que interessa aos pequeninos leitores, o caso de «Angola e Metrópole»?

Porque não experimenta empregar as suas aptidões jornalísticas, em fazer uns contos policiaes? Está de acordo?

Januario A. Guerra — Os seus versos foram para concurso. Queira dizer-nos a que serie pertence.

Maria Luiza Oliveira da Fonseca — Recebemos o conto que enviou no proximo numero. Se quiser mandar o seu retrato publicá-lo-hemos.

Rei Madorinha — Já te conhecia de nome, podes mandar a colaboração de que falas.

Com respeito ás charadas, por enquanto...

Emidio A. Pereira — Manda o que quiseres. Depois...

Pim — Vão-se atendendo todos os leitores conforme vai sendo possível. A colaboração que venha! Saudados ao 18...

Antonio Madalena — Estamos pensando nas construções. Com respeito ás aventuras depois verá! Agradecemos.

Armando Fernandes de Moraes e Castro — Queira V. Ex.^a enviar-nos um desenho mais pequeno a tinta preta, para podermos reproduzir o que faremos com muito gosto. O que nos enviou segue para concurso.

Noemla F. Cruz — Atendida em quasi tudo... Fico esperando essas grandes obras...

Eduardo Fernandes de Matos — Recebi a historiazinha que está muito engraçada, mas... já a conheço de vista... Vai para concurso.

Renato Ferrão — Anedota está boa, mas muito grande. São mais publicaveis, coisinhas pequenas. Percebes?

Sportivamente falando, tambem penso fazer... não digo!

Já não sou tão novo como tu pensas... Tenho 51 anos!!! Espero conto, poesia, etc, etc...

Eduardo Pacheco Dias — O sr. Papim... agradece os elogios que fazes ás poesias.

Assim como tu, é que deviam ser todos os nossos amiguinhos.

Luiz de Moraes Sarmiento — Recebi o teu conto que está uma beleza! Depois falaremos...

J. A. Monica — Falou-nos das aventuras de cow-boys. Porque não faz qualquer coisa no género e nos manda?

Recebemos para os concursos, as produções dos concorrentes:

Serie A

Antonio de Abreu Graça Junior, José Miguel Filipe Mira, José Tiago Semedo Velez, Aida Greno Torres Pereira, Alfredo José Lopes Moreira, Mario Figueiredo Mota, Eduardo Fernandes de Matos, Regina Telles Batista, Palmira Nunes Santinho, Armando Fernandes de Moraes e Castro, Manuel Joaquim Batista, Alberto José da Silva, Margarida dos Santos da Silva, Vasco Chichorro, Maria Piedade Briffa Raposo.

Serie B

José Silva Seca Junior, Julieta Macedo, Antonio Ramos Vaqueiras, José dos Santos, Antonio Gomes, João Rodrigues de Sá, Joaquim Vieira, Ezequiel O. Queiroz Batoreu, José Augusto Ferreira de Souza, Maria de Jesus da Silva, Jaime Pinto Ferreira.

Serie C

Maria I. Correia, Dulcideo da Cunha, Maria Delta Santana Tomaz, Helena de Souza.

Pedimos que nos digam a que serie pertencem os concorrentes:

Adriano de Moraes, Jaime Leitão da Silva, A. A. P. de Mira, João Gonçalves, Arlindo da Silva Coelho, Januario A. Guerra.

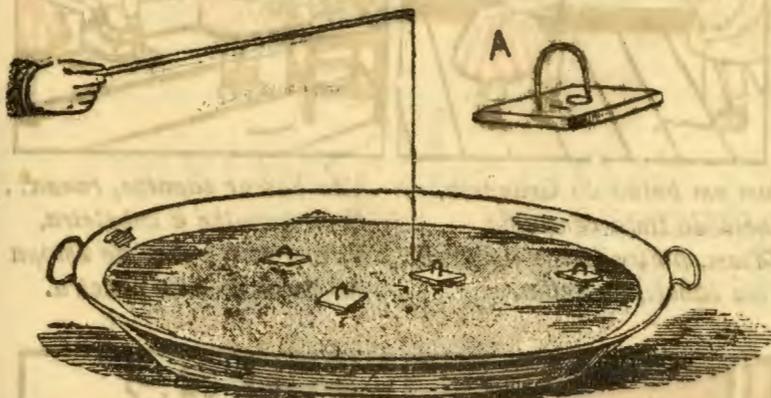
Concursos do PIM-PAM-PUM!

Têm despertado um extraordinario interesse e entusiasmo os nossos concursos, afluindo constantemente á nossa redacção, contos, poesias e desenhos enviados pelos pequeninos leitores do nosso semanario — series A e B.

Como porém á serie C tenham afluído menos provas, chamamos a atenção da gente crescida, incitando todas as vocações literarias ou artisticas a concorrerem tambem, habilitando-se assim aos prémios e primeiras classificações e a contribuírem com os seus merecimentos para á obra que encetámos de ressurgimento infantil.

HORA do RECREIO

Um tanque de peixes



Aqui está um jogo que pode ser divertido entrando nele uma porção de competidores. Para a sua construção precisamos de varios pedacitos chatos de madeira, com pouco mais ou menos, uns quatro centímetros e meio de espessura. Estes pedacitos de madeira podem ser pintados de branco, e depois de secos pintarem-se em cada um numeros diversos, pregando-se-lhes um arco de aramé conforme se vê na fig. A.

Umás varinhas delgadas de madeira dum meio metro de comprimento, com uma linha na extremidade à qual se prende um pedacinho de aramé dobrado em forma de anzol, servirão de canas de pescar.

Vai-se então buscar uma banheira chata, um alguidar grande ou qualquer outro utensilio que sirva para o efeito, e enche-se em parte, de água. Os peixes nadam boiando á superficie da agua e os jogadores, sentados em volta, estão pescando á linha sendo o pescador que consegue apanhar os que tem numeros mais altos aquele que ganha o jogo.

Adivinhas de Carnaval

1

Tem em si toda uma malta
De gente, sendo só um:
A' terça-feira não falta
Alegrando o Pim-Pam-Pum.

2

E' homem, não é mulher,
Não é santo, mas é santa,
Quem encontrá-lo quizer,
Aqui mesmo o desencanta.

3

Do século, das nossas eras;
Defensor de Portugal:
E' rosa, também dá peras,
Todo êle é vegetal.

4

E' coelho que se caça
A's trindades, ao sol pôr,
Um jornalista de raça,
E primoroso escritor.

Decifração das anteriores:

- 1 — Telha
- 2 — Tinta

ANEDOTAS

Um garoto entra numa padaria e pede um pão.

- Quanto é?
- Onze vintens.
- Não tem o peso, — diz o gaiato.
- Não te importes. Leva-te menos tempo a comer, — responde o padeiro.
- Ah! Sim senhor.
- Puxa por nove vintens e põe-os sobre o balcão.
- Faltam dois vintens, — diz-lhe o padeiro.
- Não se importe. Leva-lhe menos tempo a contar.
- E foi-se embora.

* * *

Um pobre petiz, dos seus cinco anos, que vivia com um tio extremamente ayarento e por isso não o tratava com grande abundancia, encontrou um dia na rua um galgo, raça de cão que êle via pela primeira vês.

Afagando o animal, diz-lhe:
— Pobre cãesinho! Naturalmente vi-
ves também com algum tio!

Pierrette
perdeu-se!
Meninos ajudem
o Pierrot e o
Arlequim a pro-
curarem-na



Aventuras de PIM, de PAM e de PUM



Sempre dispostos a tudo,
Pim, Pam e Pum que não param,
Aproveitando o Entrudo,
Nova partida preparam.



Com um balão do Grandela,
Cheio de tinta vermelha,
Fazem, pintando-o a aguarela,
Uma cabeça de velha.



Vão buscar sapatos, roupa...
E formam-lhe a cabeleira,
Tirando um pouco de estopa
Ao forro de uma cadeira.



Com uma saia da avó,
Um travesseiro e um challe,
Fica a moça tão lírio,
Como quem vai para um baile.



Pim, Pam e Pum, à torneira
Do quinto andar em que estão,
Aplicam uma mangueira
Que ha-de fazer sensação.



Com um revólver do pai,
Pim dispara um tiro. Então,
Soltando todos um ai,
Pingem-se em grande aflição.



E atiram janela fóra,
Com o espantinho da velha,
Que, ao tombar na rua, cõra
O chão de tinta vermelha.



Corre a polícia, o povinho,
Ovem-se apitos e ais,
E aumentando o borborinho,
Cada vez o povo é mais.



Mas nisto um duche sem fim,
Põe todos em debandada,
Ficando Pum, Pam e Pim
A rirem à gargalhada.